

# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

## EDITORIAL

A nossa terra, se fosse limpa, seria uma terra adorável. Infelizmente não o é. Nós já temos dito que a terra fangueira para poder competir com as demais tem necessidade de aproveitar ao máximo as suas inúmeras potencialidades.

Hoje Fão, quanto a desenvolvimento urbano, não pode comparar-se com a crescente vila de Esposende que não nos admira venha a ser cidade dentro de alguns anos. Tão pouco pode pedir meças em tradicionalismo a uma Apúlia característica e simultaneamente progressiva ou às Marinhas, que conciliam o desenvolvimento rural com a expansão demográfica.

## TERRA LIMPA

Fão, por obra e graça do sempre lembrado Sousa Martins, adquiriu foros de cidadela cosmopolita com a internacionalização da sua praia de Ofir. No entanto, os estrangeiros não se deixam amarrar eternamente ao encanto das belezas naturais. O tipicismo da terra, uma certa singularidade, devem ser conservados e mantidos a todo o transe e para essa singularidade a limpeza desempenha o papel principal.

E o que é que nós vemos? Além de ruas sujas, margem de rio pouco recomendável, pinhal a abarrotar de papéis, trapos e plásticos, notamos que lamentavelmente o povo de Fão não se dá conta desta necessidade de limpeza, para que a terra fangueira seja uma terra atraente, de modo a que o lixo e a sujidade não empanem o que ela tem de aliciante para os estrangeiros.

É precisamente contra esta falta de consciência que nós nos insurgimos, na certeza de que a higiene e o asseio da nossa terra terão de resultar de uma acção colectiva com todos os intervenientes voltados para o mesmo objectivo e conscientes de que uma terra para ser grande, acima de tudo tem de ser uma terra limpa.

Voltaremos de novo a este tema.

## O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

### ALBINO TORRES



No princípio da século uma das indústrias mais florescentes em Fão era a carpintaria e isto porque a construção naval na nossa terra obrigava os fangueiros desde sempre a trabalharem a madeira.

Na rua Azevedo Coutinho, onde existe o actual Largo da Praça, laborava uma carpintaria pertencente a António Cardoso, que era ao tempo uma verdadeira escola de marcenaria, da qual partiam para todo o distrito belos exemplares de peças de mobiliário. Dizíamos que era uma autêntica escola, pois por lá passavam todos aqueles jovens, fangueiros e não só, que pretendiam especializar-se na arte difícil de embelezar a madeira. Lá estagiaram entre outros Artur

Mata, Álvaro Carapuço, Francisco Sobreiro, etc.

Na primeira década de novecentos, apareceu lá igualmente, vindo dos lados das Marinhas, o jovem aprendiz Albino Torres, que pertencia a uma família abastada mas que para fugir à inexorabilidade das lides campestres, quis tentar novos rumos, inscrevendo-se na oficina de «mestre» António Cardoso. Por lá permaneceu meia dúzia de anos, findos os quais tomou o rumo do Brasil, não permanecendo, porém, muito tempo em terras de Santa Cruz pois outras fortes razões o chamavam à terra de Fão. Com efeito, acabou por se consorciar com a filha do «mestre», chamada Rosália.

Uma nova ida ao Brasil, de pouca duração, e a vida de Albino Torres acabaria por se fixar definitivamente em Fão, terra que adoptou como sua e à qual se dedicou de alma e coração. De novo na terra fangueira, ingressou primeiro na conhecida «fábrica do Felgueiras», onde o sogro era gerente e sócio, mudou-se depois para uma carpintaria no lugar dos Varais, da antiga rua Conde de Castro (hoje rua Pio Rodrigues) e finalmente acabou por fundar a Fábrica de S. José (atrás do Hospital), para o que teve de se desfazer de um campo na freguesia das Marinhas pela elevada quantia (na altura) de 19 contos.

Sua esposa uma «expert» na difícil confecção de pastelaria, colaborou activamente ao lado do marido, tudo fazendo para que a

(Continua na página 2)

## CUIDADO COM O SANEAMENTO

*Há muita gente em Fão que pensa que o saneamento vai ser a panaceia salvadora para todos os males da poluição. Enganam-se contudo. O saneamento na sua parte final apresenta uma estação de tratamento que apesar de diversificada assenta no seguinte pressuposto: os microorganismos destroem os micróbios que são a causa de um certo tipo de poluição, de modo a tornarem a água praticamente potável. Quer dizer: as águas das nossas sanitas correm através de canos para grandes centrais onde existem os*

*tais microorganismos que destroem a flora nociva. No entanto, cuidado! Estas centrais onde se dá a purificação das águas não podem comportar elementos químicos sob pena de fazerem desaparecer aqueles referidos microorganismos que são os purificadores das águas. Se pois, os nossos industriais tintureiros, usando de fáceis estratagemas, canalizarem as águas das estufas para os canais do saneamento, vão eliminar inquestionavelmente as referidas estações de tratamento.*

*Os Serviços camarários terão que ser implacáveis para essas possíveis tentativas de desvio e nós sabemos também que as multas e outras medidas repressivas não serão nada suaves.*

## ALBINO TORRES

(Continuado da página 1)

Casa Albino Torres fosse em Fão uma casa «farta». Assim, criou nos baixos da sua residência uma pastelaria que veio a ter muita fama e que durou desde 1924 até 1940. E agora aqui convém dizer quem foram as mestras da D. Rosália na arte complicada da doçaria. Naquele tempo a grande mestra doceira era a Teresa do Manuel Pedro, sua avó, que tinha um estabelecimento na que hoje é a Avenida Dr. Manuel Pais, praticamente em frente ao café do Rio. Albertina Clarinha era uma das suas ajudantes, bem como as duas Leonores (Maria e Ana) que ficaram famosas na história de Fão por causa dos «Serões». Em jeito de má-língua, podemos acrescentar que a Maria teve um filho do padre Chaves, que foi o já citado Lameck, um «bon vivant» e grande parceiro do Ernestino Sacramento. Podemos acrescentar ainda que as Clarinhas Velhas prestaram igualmente ensinamentos à Albertina Clarinha e à Rosália Cardoso.

### ACTUAÇÃO SOCIAL

Albino Torres, logo que se estabeleceu em Fão não mais deixou de trabalhar em prol da sua nova terra. A primeira causa a que se entregou por inteiro foi a Corporação dos Bombeiros, da qual foi fundador, 2.º Comandante e depois 1.º, durante algumas dezenas de anos. O nome de Albino Torres aparece ligado entre outras coisas à dotação do primeiro carro, que substituiu a veneranda carreta do tempo do Comandante Regada. O primeiro pronto-socorro, muito velho, foi comprado a Barcelinhos, mas como era realmente abundante em anos, durou pouco tempo. Depois Albino Torres «enfureceu-se». Adquiriu uma velha camioneta de passageiros, trouxe-a para a fábrica e pôs todo o mundo a trabalhar na sua transformação. Aproveitando-lhe a chassiss e o motor, adaptando-lhe depois os assentos do carro de Barcelinhos, usando de muita habilidade, imaginação e da velha experiência adquirida com outros veículos da casa consentados na fábrica, fez nascer um pronto-socorro que se tornou um motivo de legítimo orgulho para o seu construtor e entusmesceu o orgulho «nacional» fangueiro. Os Bombeiros tinham um carro — mas que carro!

Tempos heróicos aqueles cuja grandeza provinha dos que não se poupavam a sacrifícios para engrandecer a terra fangueira.

O custo total da obra atingira 17.000\$00 e pode dizer-se que a freguesia inteira acompanhou com emoção o desenrolar dos

trabalhos. O dinheiro foi conseguido em peditórios feitos em Fão e em algumas freguesias do concelho. No que diz respeito à Apúlia, Rio Tinto, Gandra e Fonte Boa, os peditórios foram pacíficos e bem sucedidos. Albino Torres, porém, levado por afinidades geográficas, afoitou-se por terras de Marinhãs, S. Bartolomeu e Belinho, zonas que consensualmente pertenciam aos Bombeiros da vila concelhia. Pois foi um caso sério! Os de Esposende reagiram mal e Albino Torres e seus «muchachos» quase que bateram o Carlos Lopes na arte de correr a maratona...

Os anos passaram e começaram a pesar. O velho comandante sempre accessorado por seu filho Albino, no lugar de 2.º comandante, acabou por abandonar o comando, após um curto período polémico e fértil em episódios rocambolescos.

Foi ainda um Presidente da Junta de boa memória e de muitos anos no activo. À sua acção se deve o arranjo e o alargamento da Praça, depois do derrube de algumas casas velhas. O calcetamento da Estrada do Mar, o alargamento da Estrada Bonança, bem como o da rua Prior Nogueira, o arranjo de algumas ruas de Fão, arruamentos no cemitério, foram outras tantas obras que tornaram meritório o nome de Albino Torres, de quem se pode dizer que viveu para a fábrica que soube criar e desenvolver, para a família que estremeceu e para a terra que adoptou e à qual nunca negou trabalho, esforço e dedicação, no sentido de a engrandecer e valorizar.

### ENTRE NÓS

Após 21 anos de estadia em França, regressa a Fão para ficar o nosso conterrâneo Marcos Reis.

Acompanha-o sua esposa, dedicada companheira.

Esperamos só que o Marcos não se limite a ver a televisão de pantufas.

Ainda tem muito para dar à sua terra.

### Festas em honra da Senhora da bonança

Contrariando uma tradição, realizaram-se este anos as Festas da Sr.ª de Bonança em Agosto. Foram três dias de festejos: 7, 8 e 9.

Houve de tudo: precisão, fogo de artifício, noite do emigrante, Zés Pereiras e Banda de Música (cultural de Anha).

O povo acorreu em pleno e o entusiasmo foi grande.

Parabéns à briosa Comissão.

### Poema do Estudante

*Maria estudando  
Ávida de paciência  
Escrevendo, soletrando  
Impassível à ciência*

*Maria estuda  
Biologia, Física  
De caneta tísica  
A matéria maçuda  
Maria estuda  
De cara sisuda*

*Pensa, hesita  
Risca, enerva-se  
O pensamento volita  
Mas conserva-se*

*E vai Maria estuda, estuda  
Para atirar precisa  
à cara do mestre:*

*O trabalho de casa  
O caderno apumado  
A correcção do teste  
Os ossos da asa  
Daquele alado*

JOSÉ MANUEL FERREIRA NEVES



O descanso desejado...

**HOTEL DO PINHAL** ★★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857  
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



**UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES**

**estamos a construir um banco do futuro**

# Boletim do Hospital de Fão

Periodicamente o Hospital de Fão vem publicando um Boletim policopiado que mais não é do que um órgão de propaganda da respectiva Direcção. Exactamente por isso, este pequeno Boletim deveria comportar um nome e o mais apropriado parece-nos ser o de *Narciso*.

Muito turbulento também, resolveu implicar com a Junta e «O Novo Fanguero». Ao nosso jornal não perdoa que se lhe digam as verdades e então resolve chalacear e chega ao despudor de afirmar que «O Novo Fanguero» *mente*. Cremos que os motivos aduzidos pelo Boletim para nos mimosear com tal epíteto, se baseiam em três notícias:

a) Revelação da existência da «Tarrafal».

b) Afirmação de que o sr. Abel da Costa, vice-Provedor e não vice-Presidente da instituição, teria afirmado que o sr. Joaquim Neves iria desempenhar o cargo de Administrador da Santa Casa.

c) Informação dada pelo «O Novo Fanguero» de que o sr. Manuel Gomes Soares teria pedido a demissão de membro da Mesa Administrativa.

Vejamos então se «O Novo Fanguero» mentiu:

Quanto ao primeiro tema, existência do «Tarrafal», é irrefutavelmente confirmada pela fotografia que junto se publica. Afir-mar que os hóspedes do «Tarrafal» preferem aquela «estância de Turismo» ao confortável edifício do Lar, é conferir uma roda de sa-laios aos leitores do Boletim.

Arranjar desculpas, sim, ma non troppo!...

Quanto à afirmação do sr. Abel da Costa: confirmamos efectivamente que no dia da inauguração do Infantário o sr. Abel da Costa disse ao Director do «Novo Fanguero» de que se tornava urgente a existência de um administrador para gerir a Santa Casa. A certa altura «O Novo Fanguero» perguntou: «É o Quim Neves quem vai ficar não é?»

— Ele já lá está há uns tempos — respondeu Abel da Costa.

Muito honestamente entendemos que em tal resposta está incluída a afirmação veiculada pelo «O Novo Fanguero».

E nós podemos afirmar por experiência própria que o sr. Joaquim Neves vem exercendo tal cargo no Hospital de Fão. E mais: dada a dedicação demonstrada pelo referido Quim Neves, evocando o modo fidalgo como nos recebeu por ocasião do nosso acidente — ele mandou-nos preparar um quarto com todos os requisitos, telefonou directamente para o médico, conduziu-nos solici-tamente ao gabinete clínico, enfim desdobrou-se em mil cuidados e atenções para nos tornar a existência agradável — nós vimos afirmar *urbi et orbi* que o sr. Joaquim Neves, é uma das pessoas indicadas para exercer o cargo de Administrador da Santa Casa da Misericórdia de Fão. Em boa verdade, devemos-lhe a justiça desta afirmação.

Quanto à notícia que nós transmitimos de que o sr. Manuel Soares pedira a demis-



O quarto de banho do Tarrafal

são, queremos dizer que tal «boca» nos foi dada em primeira mão por pessoa idónea, ligada ao Hospital. Estamos certos que na altura da informação, a notícia era verídica. Os «bastidores» porém funcionaram e quando «O Novo Fanguero» transmitiu o facto, tratava-se já de uma falsidade. Mas isso não quer dizer que «O Novo Fanguero» mentisse. O Boletim não sabe mas nós vamos

informá-lo que há diferença entre mentir e fazer uma afirmação falsa. Mente-se quando intencionalmente se dá uma falsa notícia. Moralmente tal atitude é condenável. Pode-se porém emitir uma falsidade sem existir mentira quando não há tal intenção.

Temos razões para perguntar se quando o Boletim afirma que «O Novo Fanguero» «mentiu» teria havido má fé ou apenas ignorância?

Não há dúvida que a existência do Boletim como órgão de informação da Mesa da Santa Casa não tem razão de existir, pois «O Novo Fanguero» desde a primeira hora se revelou disponível para veicular as notícias oriundas do Hospital. Essa disponibilidade mantém-se. É humano que o Hospital queira fazer público alarde do seu trabalho. Nós não regateamos louvores a muito do trabalho desenvolvido pela Mesa do Hospital. Mas se a Mesa pretende dar aos Irmãos uma panorâmica mais ou menos alongada do seu trabalho, deveria hierarquizar uma ordem de prioridades e nós pensamos que neste momento o ponto nevrálgico do Hospital não reside no anestesista regeitado. Infelizmente lemos editais publicados na Junta onde se notifica que dois prédios do Hospital foram à praça por ordem do Tribunal do Trabalho. É imperioso que se diga aos Irmãos que por mor desse contencioso estamos a ser prejudicados em milhares de contos. Não estamos a dar razão a ninguém mas tão só a afirmam que o Boletim tem coisas graves para tratar e deve deixar aos outros, Irmãos e História, o cuidado de lhe prestar a devida justiça.

## AQUELE ALFINETE DE DAMA...

*Naquela manhã decantada, quando a realidade se encontra ainda numa fase de sonolência letárgica, o telefone retiniu... Do outro lado do fio, uma voz cava aliciante levou alguém a retirar-se do seu leito, a vestir-se com outras roupagens, afim de jogar o jogo do Amor.*

*Aguçados os sentidos para uma outra realidade, a do fruto proibido mas sempre apetecido, a natureza reclamou mais alto, e tomou posição de vencedora, a despeito de resquícios éticos que teimavam em paralisar a decisão de momento. Vencida a timidez e o pudor iniciais, resolutamente ela caminhou... caminhou... para o docel que a aguardava!*

*Lá estava a aguardente acalentadora das energias desgastadas, os cigarros a exaurir em cavaqueira amena... Então aconteceram vivências carmais, e transmutaram-se, culminando numa total libertação, própria daqueles que se desfazem das velhas roupagens para envergarem as domingueiras!*

*Tudo perfeito. Parecia... mas, eis que, um simples alfinete de dama e uma minúscula ponta de cigarro rosácea, índices de presenças perturbadoras, provocaram profundas verbalizações incandescentes! Com*

*efeito, naquele instante, em que duas almas existenciais se inebriavam de amor intemporal, foram atraícoadas por um vil alfinete de dama, objecto tão íntimo e perverso, que espetando-se na fofa alcatifa veio gerar abissais confusões a uma certa dama...*

*A compasso, a tarde esmaecia, lânguida e preguiçosa... e, como que para fechar o círculo vivencial, repercutiram no cosmos trovões vulcânicos que apagaram, de uma só vez, esse pleno e único momento.*

*... Somente em liberdade, «o amor» poderá coexistir com a vida...*

ANGELA SOEIRO

## Obras no Salão

Como é do conhecimento público, as obras do terreno circundante ao Salão tiveram que parar por ameaça de abatimento de terras. Temeu-se que o edifício da Catequese viesse abaixo.

Fizeram-se conjecturas, aventaram-se hipóteses e a ideia mestra que prevaleceu foi a de que para escorar as terras seriam precisos milhares de contos.

Muitos se lembraram que em tais circunstâncias o melhor que havia a fazer era deixar ruir o Salão. Surgiria um novo, mais tarde ou mais cedo.

Afinal parece que as despesas não vão ser de monta e que o plano de obras vai prosseguir como estava delineado.

É pena pois aquele Salão bem merecia renascer das próprias cinzas.

# Apologia de Fão *POSTAIS DA NOSSA TERRA*

## IX — SERÁ IMPERTINÊNCIA NOSSA!?!...

I  
 Ó colosso do mar fangueiro  
 És maravilha da natureza  
 Ou tesouro de Salomão  
 Naufragado num veleiro?  
 Dita melhor a certeza  
 da Mitologia de Fão.

## II

Ó Fão do rio suave  
 As tuas pratas de água  
 Na Costa Verde são ouro,  
 Banham sempre o enclave  
 E espalham a eterna mágoa  
 Na enorme costa do mouro.

## III

És visão de cavalos ou gente  
 Perpetuamente petrificados  
 Na miragem desse eldorado?  
 Ou são deusas eternamente  
 A penar os seus pecados  
 De profanar templo sagrado?

## IV

Ó Fão do meigo pinhal  
 Vês sonhar gente acordada  
 Quando o Astro-Rei murmura  
 Nas dunas do mais lindo areal;  
 Vivo sempre de mão dada  
 E do povo espero a ternura.

## V

Ó Fão da marítima prole  
 Filhos devotos de Deus  
 E alma cheia de esperança,  
 No Minho és terra de escol  
 Onde uma parte dos Céus  
 É no pinheiral da Bonança.

## VI

Praia das Costas Verdejantes  
 Visitada segundo uma lenda  
 Por uma moira mui encantada  
 E desolada dos seus amantes.  
 Nas dunas, após a merenda  
 Sonhava de amores acordada...

## VII

Fluvial praia encantada  
 Doce paraíso de pescadores  
 Que de bem longe te visitam.  
 Ouves fados à desgarrada  
 Ou as melhores canções d'amor  
 E novos amores te conquistam.

## VIII

Ó bela nortada que afaga  
 E enche de carícias nobre alma  
 Que encerra lindas canções,  
 E quando o dia se apaga  
 Tuas águas voltam à calma  
 E voltam serenatas aos corações.

Estrofes não literárias

CASANOVA 87/07/28

Pensávamos terminar com estes «Postais da nossa Terra», porque julgávamos que teriam pouco mérito, não passando de impertinências nossas, mas, há dias, o senhor Director deste Jornal, encontrando-nos, encorajou-nos a continuar, pelo que os leitores, que forem daquela nossa opinião, a ele terão que responsabilizar.

Abordaremos hoje um assunto que já há muito trazemos em mente e que, talvez, uns meses atrás tivesse melhor oportunidade, mas que, julgamos, também não perde pela demora.

Quem passa junto aos contentores do lixo, especialmente às horas da recolha do mesmo, sente bem o cheiro pestilento e nauseabundo que dos mesmos se exala, bem assim como do próprio carro de recolha. E, então, na época de Verão, quando o calor aperta, esse cheiro torna-se ainda muito mais acentuado e incomodativo, dando uma nota desagradável aos inúmeros veraneantes — nacionais e estrangeiros — que procuram a nossa Terra, para gozar as suas férias, e gostam de percorrer as suas ruas típicas.

Ficará assim tão dispendioso proceder, de vez em quando, à lavagem e desinfecção dos contentores e do carro de recolha? Será que tal despesa é inoportuna para o erário municipal? Julgamos que não!...

Parece que há quem faça despejos indevido nos contentores, mas talvez a isso seja levado, dada a falta da rede de esgotos domiciliários. Suspensos os respectivos trabalhos, ninguém sabe quando virão os mesmos a ser conclusos. E isto apesar da promessa, quando os trabalhos começaram, que, antes de terminada uma fase, seria aberto concurso para a fase seguinte, de mo-

do a não haver interrupções na continuidade dos trabalhos.

Julgamos que estão concluídas as duas primeiras fases, embora com um longo período de intervalo entre elas. Para quando a execução da terceira e seguintes? É bom que não demorem muito, pois, hoje em dia, a maior aspiração das populações, depois de uma rede de abastecimento de água, é a existência duma funcional rede de esgotos domiciliários.

E é tão grande essa aspiração que já houve quem, apesar das fases concluídas não terem a indispensável continuação, ligou às mesmas os seus esgotos, motivando a inundação da via pública, por extravasão pelas caixas de futura ligação dos ramais domiciliários.

Aqui ficam expostas à apreciação de quem de direito estas questões, esperando que não sejam consideradas como impertinências nossas, pois julgamo-las até bastante pertinentes.

Fão, 26 de Agosto de 1987

QUIM MUATA

### GABINETE DE CONTABILIDADE

- Execução e/ou actualização de escritas dos grupos A, B
- Assistência Fiscal
- Organização

R. Das Cordas, 15 - FÃO

## ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUMNS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

## REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 601018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO  
 AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SA PEREIRA — TELEF. 961845

## O Mundo em que vivemos

### QUANTOS MAIS?...

Bem gostaríamos que esta secção só se ocupasse de assuntos agradáveis, que a palavra «morte» nunca aqui tivesse lugar. Mas a realidade, em toda a sua dureza, contraria as nossas intenções.

A morte tornou-se uma coisa banal; bastanos ligar o televisor à hora dos noticiários para vermos revoltosos serem espancados até à morte por forças da ordem (ou vice-versa), ou assistirmos aos filmes que o cinema e a TV nos oferecem, em grande parte dos quais os «maus da fita» são friamente abatidos a tiro pelos diligentes detectives ou pelos valentes «cow-boys»...

E é tal a nossa habitação (e lamentavelmente até a das crianças) a essas cenas, que já as contemplamos com indiferença, sem que um frémito de horror abale a nossa passividade.

A Morte «instalou-se» no nosso quotidiano. Dá-nos a impressão que é em certa medida por isso que as pessoas assumem perante o perigo uma atitude de desinteresse, quase diríamos de fatalismo, não tomando as precauções necessárias para evitar situações de risco, expondo a trágicas consequências a sua vida e as vidas alheias.

Concordamos que a morte é uma coisa natural, tão natural que é o remate infalível da vida, mas parece-nos haver um aspecto a considerar: se há mortes que são inevitáveis, muitas outras há que, com as necessárias cautelas se poderiam evitar.

É por isso que aqui levantamos a nossa fraca voz, numa tentativa de «sacudir» as pessoas dessa apatia perante o perigo, de as consciencializar de que muitos dramas se poderiam evitar se se tivessem os cuidados que se impõem.

★

Vem isto a propósito das oficinas de pirotecnia que, nestes últimos tempos têm explodido com uma frequência confrangedora — nada menos que seis em pouco mais de um mês — semeando em volta a morte, o luto, as lágrimas.

A primeira foi em Barcelos, uma oficina artesanal, cujos operários eram todos da mesma família. Houve quatro mortos — três adultos e uma criança — e três feridos graves. Segundo consta nos jornais diários, pelo menos uma das pessoas que trabalhavam na oficina sinistrada era uma camponesa, que, nas horas que as lides do campo lhe deixavam livres, ia para lá prestar os seus serviços. Outra das vítimas era uma menina de três anos, que brincava junto da oficina!

Perante isto, perguntamos: — Como se compreende que pessoas sem uma preparação específica, sem os indispensáveis conhecimentos técnicos, manipulem um material tão mortífero como a pólvora?

E como se deixa uma criança brincar junto de uma oficina deste género?

A segunda foi em Lousada. Balanço: — um morto e três feridos, um dos quais em estado grave. Parece que a causa do sinistro foi a deflagração (expontânea?) de um dos cartuchos de foguetes.

A terceira foi em Rossas, freguesia do concelho de Vieira do Minho. Um homem morto. Parece que a vítima estava a pregar uma dobradiça da porta da oficina, batendo o martelo com uma certa força, o que terá feito saltar a falsa causadora da explosão, perdendo assim a vida pela sua imprudência, pois tinha sido advertido do perigo que corria por seu irmão, proprietário da oficina.

A quarta ocorreu em Ponte Velha, concelho de Póvoa do Varzim, e é a que mais nos espanta pelo insólito da situação: — a cinquenta metros da oficina sinistrada estava instalado um depósito de combustíveis!... Paradoxalmente, esta, que poderia ter tido as mais graves consequências não as teve, já que apenas houve dois feridos. Os trabalhadores do depósito de combustíveis fugiram, em pânico, mas a tempo...

E aqui aumenta a nossa perplexidade: — Como é isto possível? Como é que, a cinquenta metros de uma oficina onde há materiais explosivos, pode estar um grande depósito de combustíveis? Não há menos preocupação com a segurança e a vida de quem lá trabalha — e não só? Não há uma lei que proíba situações de alto risco, como esta?

Além destas, houve ainda mais duas oficinas de pirotecnia que explodiram dentro do mesmo lapso de tempo, mas das quais não conseguimos dados completos: — uma, em Travassos, da qual apenas sabemos que, segundo declarações de uma testemunha, «ficou tudo destruído», e outra em local que ignoramos, mas cujo proprietário parece admitir como causa o facto da pólvora estar fora da oficina, recebendo o calor do sol que, por muito intenso, provocou uma temperatura excessiva, que a fez explodir. Pergunta-se: — E como é que se deixa pólvora fora da oficina, ao ar livre?

Parece-nos que, destas tragédias poderiam ter sido, ou evitadas ou atenuadas as suas consequências, se se observassem as necessárias medidas de segurança.

Quantos mais casos serão precisos para que elas sejam tomadas? Para quando fiscalizações assíduas e rigorosas às condições de laboração dessas oficinas? Para quando a exigência de especialização aos seus operários?

É por isso que insistimos. Para que as pessoas se acautelem, para que não se exponham descuidadamente aos riscos que as ameaçam, para que «sacudam» a passividade e tomem precauções, de modo a não perderem ingloria e inutilmente o bem mais precioso que possuem: — a própria vida.

★

NOTA: — Após escrita esta crónica, tomámos conhecimento, através do semanário «O Jornal» de que em Portugal, em 1986, as mortes por acidentes de trabalho aumentaram 20%. Sem comentários.

E. REAL

### DOENTES

Encontra-se adoentada e por isso tem aguardado o leito Maria da Piedade Pinheiro Borda.

Fazemos ardentes votos para que a sr.<sup>a</sup> D. Miquinhas recupere a saúde, o que nos dava muita alegria, a nós e a muitas gerações de jovezitos que tivemos a honra de ser seus alunos na catequese.

— Também foi acometido por um acidente cardiovascular o nosso amigo Artur de Barros Lima. Ao Artur e à Mitó o nosso abraço de solidariedade.

— Numa clínica do Porto foi submetido a uma operação cirúrgica o nosso amigo Constantino Araújo Esteves.

Fazemos votos por um rápido e completo restabelecimento.

### AUMENTE O SEU

## Colesterol!

Após uma interrupção involuntária, aqui estamos de novo com mais duas receitas. A primeira:

#### MEXILHÕES DE CALDEIRADA

Lavam-se muito bem os mexilhões, e põem-se em água quente, ao lume, para abrirem. Depois de abertos, limpam-se muito bem.

Entretanto, numa caçarola põe-se azeite, bastantes rodela de cebola, sal, pimenta, uma colher de sopa de vinagre e um ramo de salsa, e quando a cebola estiver loira, junta-se a tudo isto parte da água de cozer os mexilhões, na qual se desfêz previamente massa de tomate.

Deitam-se então dentro da caçarola os mexilhões, tapa-se e deixa-se ferver tudo, acrescentando quando for necessário um pouco de água, até a caldeirada estar devidamente apurada.

E para sobremesa, um doce da cozinha brasileira:

#### SUSPIROS DE COCO

Coco — 100 gramas. Açúcar — 50 gramas. Claras — 2.

Batem-se muito pouco as claras, praticamente só duas voltas, mistura-se-lhes o açúcar e o coco, mexendo só o necessário.

Vai ao forno em montinhos, sobre bocadinhos de massa de hóstia.

E por hoje é tudo. Até à próxima, se Deus quiser. Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

## RUAS DE FÃO

*Não vamos falar hoje de limpeza das ruas. Ficará para o próximo número. Queremos só lembrar que em Fão algumas ruas receberam o nome de individualidades locais, por decisão da Junta e rectificação da Assembleia, e que esses nomes não têm tabuleta indicada. Esté neste caso a rua atribuída a Zulmira Pinheiro Borda.*

*Há tempos pediu-se para o dr. Alcúo o nome de uma rua. Em que param as modas?*

*E já que estamos com as mãos na toponímia, queremos chamar a atenção de quem de direito para a necessidade de prestar homenagem condigna a Sousa Martins. Poucos sabem que o nome de Sousa Martins foi dado ao último troço da Av. António Veiga, ou seja do Hotel Ofir ao mar. Costuma dizer-se que de uma cajada se matou dois coelhos, mas aqui a cajada partiu ao meio um coelho. Nada autorizava que se cortasse uma avenida a quem foi dado muito meritoriamente esse nome. Devia, isso, sim, escolher-se uma outra forma de homenagear o maior benemérito de Fão, cremos que de todos os tempos, erigindo-lhe um busto na zona da praia. Sousa Martins merece a gratidão de todos os fangueiros.*

# ALDEIA CIDADE

A luz vinha lentamente  
Através do céu sereno  
E poisava docemente  
Naquele monte pequeno.

E por toda a verde aldeia,  
Descia uma paz bendita,  
E a Lua, enorme candeia,  
Ficava toda catita.

Ao longe o rio mugia  
Com saudades da montanha,  
Onde a pureza existia  
Numa brancura tamanha.

O sol beijava a campina  
Onde um rebanho pastava,  
E a transparente neblina  
Era algodão que passava.

Por toda a parte sorriam  
As belas flores campestres,  
E as aves o ar enchiam  
Com as músicas celestes.

Mas a cidade invadiu  
Este remanso tão puro,  
E o que era belo fugiu  
Para além daquele muro.

O céu ficou sem luzeiros,  
E a montanha toda triste;  
Já não correm os ribeiros  
E a campina não existe.

As abelhas luminosas,  
Já não adejam nos ares,  
E as borboletas formosas  
Casaram noutros lugares.

O gado manso bebia  
Na transparente ribeira;  
Agora os carros da via  
Bebem na gasolinera.

Já são ruas, os caminhos,  
As árvores, são imóveis;  
E o cantar dos passarinhos,  
São buzinas de automóveis.

Avenidas espaçosas,  
Estão na antiga campina,  
E o doce cheiro das rosas,  
É o cheiro da gasolina.

E a paz, bem da humanidade,  
E a meiga luz transparente,  
Saíram desta cidade  
E não existem na gente.

Naquele aldeia tão calma,  
Nasceu, como maldição,  
Uma cidade sem alma,  
com barulho e confusão.

Gondomar, 21-02-1987

DINIS DE VILARELHO

## À ESPERA DE SER AVÔ

Mais uma vez o nosso amigo Fernando Pereira, de Barcelos, veio fazer um casamento a Esposende. Foi o seu filho Daniel Joaquim que se consorciou com a jovem Maria Cidália em 13 de Junho de 1896.

As raízes funcionaram mais uma vez e assim as cerimónias religiosas realizaram-se na Capela da Sr.ª da Saúde e o costumado opíparo repasto decorreu no Hotel Suave-Mar.

Agora, com dois casamentos consumados, o nosso amigo Fernando está à escuta (com que ansiedade!) que uma voz balbucie: Vóvô!

# FESTAS DE SANTO ANTÓNIO

Como no último número anunciávamos, realizaram-se em Fão, a cabo da Comissão Cultural e de Ocupação dos Tempos Livres dos Bombeiros Voluntários, nos dias 13 e 14 de Junho, os festejos de Santo António.

Lembramos que noutros tempos tais festas eram da responsabilidade de uma comissão de lavradores das Pedreiras, de entre os quais recordamos o Félix Gaifém, o António Miguel, o Zé da Olaia, o Tio Inácio Sapas, o padrinho Gaspar e outros.

Havia um peditório leve em Fão e outro mais brioso nas Pedreiras a quem o Santo pertencia... Uma banda de música abrihantava os festejos, saltava-se o cântaro com os pinchadores-mores da altura: Álvaro Carapuça, António Herdeiro, Miro Careta, Quim Miguel, e a festa terminava ou intermeava-se de um jantar ou almoço (não nos lembramos bem) em casa de um dos organizadores. Tivemos a honra de sermos convidado para um desses opíparos almoços e a recordação que restou foi boa: muitos pratos e confecção à moda das Pedreiras. Mais nada!

Desaparecido praticamente do tecido social fangueiro o grupo de lavradores, a festa foi avivada por dois moços da Serpa Pinto, José da Fonte Gaifém e Alberto Miranda (Mexilhão) e depois de desaparecido este último, Santo António deixou de ser festejado em Fão.

Até que este ano a Comissão Cultural dos Bombeiros resolveu pôr os pés ao caminho e trazer o Santo para a rua. Mas é que veio mesmo. Foi na procissão realizada no domingo, dia 14. Em boa verdade o dia inaugural das comemorações foi exactamente o dia do Santo, dia 13 de Junho. Houve no sábado à noite um desfile de rusgas — Infantil, Pedreiras, Ramalhão e Areosa. A propósito de rusgas, entendemos que seria interessante estabelecer-se um prémio para a melhor exibição. Chamava-se um júri idóneo e para isso teríamos que meter os nossos padres ao barulho, gerava-se uma certa emulação e a coisa seria falada. Assim já o é, mas da forma que sugerimos, seria muito

mais. Ainda nessa noite — sábado — foi ressuscitado o velho boi de fogo que acusou falta de treino...

No domingo tivemos arraial e o tradicional salto aos cântaros onde se distinguiram os irmãos Ferreira do Ramalhão. Curiosamente verificamos que não havia qualquer tenda no local, o que em parte se explica pela falta de costume. Que nos lembre nunca se festejou o Santo Antoninho milagroso em Fão no seu próprio dia. Mas também a ausência de mercado se ficou devendo à falta de iniciativa da população local o que em parte explica o marasmo da terra. Os fangueiros estão a ser ultrapassados.

## Fão, visitada pelos seus filhos

Tivemos o grato prazer de abraçar na nossa terra o grande fangueiro Artur Sobral, a quem Fão deve inúmeros benefícios e que nós não víamos há já 2 anos. Felizmente que Artur Sobral regressou ao convívio dos seus e fazemos veementes votos para que este conterrâneo se considere finalmente «aposentado», para que possa enfim usufruir de um merecido descanso.

Fão não pode esquecer Artur Sobral e Artur Sobral não pode viver tanto tempo ausente da sua terra.

★

Outro conterrâneo ilustre cumprimentamos em Fão: foi o Alberto Lopes, mais conhecido pelo Alberto da Vicenta. Hospedado em casa de seu primo Elias Cardoso, tivemos o prazer de o receber em nossa casa, acompanhado de Adelino Saraiva e Artur Sobral. Recordámos Fão antigo, vivemos algumas peripécias da vida de Alberto Lopes e sobretudo ficámos com a boca escancarada de lês-a-lês quando este bom amigo nos presenteou com três livros da sua autoria: «Protesto - A Epopeia das Gentes»; «Rosários e Canhões» e «O Sonho de D. Quixote».

São três livros de poemas muito bem conseguidos, tanto na forma como no conteúdo. E, tal como diz António Carlos Machado, um dos seus críticos, «Alberto da Costa Lopes, com efeito, escreveu obra genuína, contagiosa e eloquente poesia...»

Desejamos mais visitas a Fão do conterrâneo Alberto da Vicenta.

Finalmente, o grande amigo de Fão, amigo e colaborador do «Novo Fangueiro», Amândio Caramalho, deu-nos o prazer da sua visita. Foi uma visita breve, com promessa de novos contactos. O Amândio Caramalho, que se encontra acompanhado de sua esposa, vai permanecer em Portugal até Dezembro, embora se ausente da terra para curtas visitas fora e dentro do país.

Foi um prazer rever Amândio Caramalho, da mesma maneira que é um prazer receber cartas e notícias suas.



o melhor café  
é o da

**A BRASILEIRA**  
PORTO

# DESPORTO



## CANOAGEM É FÁCIL E DÁ CAMPEÕES!



Campeão Nacional de Velocidade K1: Belmiro Penetra

Disfrutando de magníficas condições naturais para a prática de modalidades náuticas, Fão parece ter já despertado para o incremento que a Canoagem vive nos meios juvenis.

Sendo um sector onde a Vila mais carenciada se sente, pela falta de infraestruturas específicas para a ocupação dos tempos livres, os mais jovens encontram naquela modalidade olímpica, um meio interessante de

### CLUBE FÃOZENSE

Já passou muito tempo mas é bom que se diga — para que conste — que o Clube Fãozense inaugurou nos seus baixos um moderno bar. Foram ali investidos mais de mil contos.

Como qualquer obra, esta mereceu os elogios e as críticas da praxe.

Diziam uns que se sacrificou uma magnífica sala a mais um café de Fão. Aduziam outros que os tempos de antigamente não voltam pois que o Clube precisava de um bar à altura.

Quem tem razão?

De qualquer modo a construção daquele bar foi um acto de coragem por parte da Direcção.

No dia 4 de Setembro, realizou-se uma assembleia Geral Ordinária para eleição de novos corpos gerentes, como mandam os estatutos.

Todos os elementos do corpo directivo foram reconduzidos nos seus cargos, pelo que na Direcção ficou a presidir Fernando Pedras; à fente do Conselho Fiscal mantém-se João Luís; na Assembleia Geral mantém-se o dr. Carvalho Matos.

A principal preocupação da actual e futura Direcção será o pagamento da dívida provocada pelas obras, mas em nosso entender esse não deve ser a única preocupação.

educação do corpo, de vida salutar ao ar livre e de convívio e competição desportiva com outros grupos de áreas geográficas diversificadas.

Acontecimento importante recente é sem dúvida o Curso de Iniciação levado a efeito na última semana de Agosto e 1.ª de Setembro e que teve a participação de 30 novos praticantes da modalidade nas classes Infantis.

Criando Escola a Canoagem aposta no futuro com a garantia clara de um desenvolvimento planificado.

De realçar o papel importante dos 2 monitores deste Curso, Lázaro Penetra e Ramiro Novo, cujo trabalho e grande dedicação contribuíram para o êxito daquela iniciativa.

Mas o presente corre bem, os resultados alcançados a nível Nacional durante a época que agora acaba foram um lenitivo forte para o novo plano de trabalho.

De salientar que Belmiro Penetra, em K1 sagrou-se CAMPEÃO NACIONAL ao vencer todas as provas em que participou e mereceu grandes elogios da imprensa portuguesa.

Pedro Abreu e Carlos Alberto em K2 venceram diversas provas oficiais e provaram que em Infantis o Clube Fãozense ocupou um lugar de grande destaque na modalidade.

Em Canoas Olímpicas Carlos Alberto, um Infantil, foi 3.º no Campeonato Nacional de Velocidade correndo com os Cadetes e Emílio Araújo, Senior, foi também 3.º no



De pequenino se torce o pepino

mesmo Campeonato na distância de 500 m e 1000 m.

No mesmo Campeonato este último e Carlos Vieira ficaram em 4.º lugar em K2. Em longa distância Carlos Vieira, Ramiro Novo e Lázaro Penetra tiveram êxitos pontuais em seniores, bem como João Anunciação e Jorge Lima, em Cadetes.

Para além dos êxitos de competição que nos referimos, foi importante o destaque dado pela imprensa portuguesa nomeadamente o Comércio do Porto, a «Gazeta» e «O Jogo» com grandes espaços de publicação sobre a actividade da Secção de Canoagem do Clube Fãozense bem como o apontamento televisivo (3 emissões) da Maratona de Fão que colocaram em destaque o nome da nossa Vila.

Mas por trás desta imagem positiva, é importante sensibilizar os nossos leitores para as carências com que a modalidade se debate, nomeadamente a falta de apoios e de meios necessários a um trabalho planificado e que propiciem a um maior número de jovens a prática salutar da canoagem, para bem de Fão.



O Curso de iniciação da canoagem foi um êxito

## TORNEIO DE FUTEBOL EM FÃO

### União de Pontoise entre nós

Em Abril passado a equipa de C. F. de Fão deslocou-se a Paris para disputar um torneio de futebol, organizado pelo União de Pontoise. Em Agosto último foi a vez de Fão organizar um torneio e convidar o Pontoise.

Os resultados foram os seguintes:

1.ª jornada: Fão, 1 - Estrela de Faro, 0; Pontoise, 0 - Marinhãs, 2. 2.ª jornada: Pontoise, 0 - Estrela de Faro, 1; Fão, 0 - Marinhãs, 1.

À noite, na esplanada dos Bombeiros, procedeu-se à entrega de troféus e medalhas, tendo usado da palavra José Bernardino (C. F. de Fão), Dr.ª Rosa Torres (Assembleia Municipal), António Torres (fundador) e Orlando Oliveira (Pontoise).

Foi uma jornada de convívio e amizade que acabou por consolidar o bom relacionamento entre o clube fangueiro e o grupo de Paris.

Os jogadores franceses foram alojados no edifício das escolas. As refeições foram servidas no Fojo, mas eram confeccionadas no Hotel do Pinhal, sob a orientação do chefe Cardoso, dirigente de Fão.

A Direcção do C. F. de Fão, sob a presidência de António Caneira, empenhou os melhores esforços para proporcionar à embaixada de Pontoise óptima estadia.

Na noite de domingo foram ainda homenageados os fundadores do C. F. de Fão: Artur Sobral, António Torres e dr. Albino Campos, António Gai-fém, Manuel Soares e Valdemiro Cardoso.

## Hospital de Fão homenageia colaboradores

Em Agosto passado a Mesa da Santa Casa prestou a médicos do Hospital, ao Provedor Celestino Cubelo Moraes, ao Presidente do C.R.S.S., dr. Fernando Rocha, e a Irmãos com mais de 10 anos de serviço como mesários, justa homenagem.

Em nosso entender foram omitidos alguns nomes que não deviam ter ficado no olvido. Lembramos a propósito os drs. Artur Barrote e o dr. Bettencourt de Sousa. Entre os mesários recordamos os nomes de Albino Torres, Prof. José Pio Rodrigues, Prof. Manuel Cardoso.

Foram pessoas que se dedicaram ao Hospital e que numa festa tão solene e de cunho evocativo deveriam ter sido lembrados.

## NA PRAIA

As obras de enrocamento na nossa praia (continuação do molhe) vão prosseguir no próximo mês com a reparação do muro de pedra que vai ser aumentado cem metros.

Não há dúvida que os benefícios com o início de tais obras são evidentes. Se não houvessem sido tomadas medidas adequadas, já estávamos sem praia.

Dizem-nos que no final das obras o acesso à praia será devidamente arranjado. Convenhamos que tal como está é uma vergonha.

## Conterrâneo distinguido

No dia 11 de Março, dia de P.S.P., recebeu uma medalha de ouro pelos 25 anos de exemplar comportamento, o nosso conterrâneo e assinante Joaquim Moraes da Silva.

Na sua vida de polícia o Joaquim Moraes recebeu vários elogios e louvores do Comando Geral o que muito honra a terra que lhe serviu de berço e que ele visita a miúdo.

## Semana Ecológica de Esposende

De 1/ a 22 de Agosto do presente ano realizou-se a semana ecológica de Esposende que teve o patrocínio da câmara de Esposende.

Durante a semana foram passados na vidio-teca da Biblioteca Municipal, vídeos sobre o ambiente, diapositivos e diaporamas. Esteve patente ao público uma amostragem bibliográfica sobre o Meio Ambiente e Recursos Naturais.

Proferiram-se várias conferências e no dia 22 houve debate público sobre a Gestão do Ambiente.

Só iniciativas deste género levarão a criar a mentalidade necessária para se salvar o Meio Ambiente.

## AMIGOS DE FÃO EM CRISE

*Não vão nada bem as coisas para o lado dos Amigos. Podemos dizer até que este foi o pior ano para o Grupo dos Amigos de Fão. Ao que consta, o Presidente cessante, nosso amigo Dr. Carvalho Matos, cedia o edifício dos Amigos para tudo o que fosse festa em proveito da terra. Parece, no entanto, que os respectivos beneficiários não souberam ser merecedores da generosidade do Dr. Carvalho, pois lenta e progressivamente foram desaparecendo peças e utensílios daquela casa. A tal ponto as coisas chegaram, que este ano, no início de Agosto, não havia máquina de café. Isto gerou um mal estar entre a Direcção, houve mudança de directores, voltando o Grupo dos Amigos a ser assegurado pelo chamado «Grupo dos Históricos».*

*Perderam-se quotas, as actividades resumiram-se a simples jogos de cartas e — mais grave — ficou em cheque a permanência do Clube.*

*Verdade seja que há um grupo de bairristas e fangueiros que não quer deixar morrer o grupo. Para isso pensa procurar um novo edifício, mais pequeno e funcional, que sirva minimamente a pequena colónia que a ele se acoita. Os tempos dos bailes, das boites e grandes festarolas já lá vão. Agora o que se precisa é de uma ou duas salinhas para que a mocidade «cinquentenária» tenha onde passar as noites.*

*Que fazer ao actual edifício? That's the question?*

*Aquela casa é grande, disfuncional e velha. Degrada-se de ano para ano. É preciso acudir-lhe e sobretudo manter-lhe a traça antiga, pois é o edifício com mais características actualmente em Fão. Trata-se, a nosso ver, de uma construção do século XVIII, ou, quando muito, dos fins do séc. XVII. Torna-se imperioso que a Câmara adquira esta casa e os fangueiros, todos os fangueiros, e as instituições locais devem unir-se, devem cerrar fileiras para que este desiderato seja cumprido.*

*A casa dos Vilachãs deve ser preservada a todo o custo e a própria família não pode dar-se ao luxo de a deixar degradar.*

# LongaVida



o que é bom da natureza

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES  
OCÚLOS SOL

*AZAL*

# DA BANDA DE LÁ

(Continuado da página 10)

Era seu irmão. Embora mais fraco, mais tímido (fugia sempre que podia das «guerras»), amarelecido (como aprendiz de alfaiate que era não apanhava o sol de que tão necessitava e que «Dadinho» bebia intensamente), «Vareira», assim era a sua alcunha, cogitava nas horas vagas e por casa de Mestre Cândido funileiro, acabar com as «guerras» e com a supremacia despótica de seu irmão sobre a rapaziada.

Aquilo não era para ele, entendendo que não era com «guerras» que o mundo viveria fraternalmente e de mãos dadas, quanto mais a rapaziada da sua terra.

Inculto e boçal, sabia contudo dar valor aos germes da compreensão e amizade que devia imperar entre os seres humanos, germes que existiam dentro do seu ser. Aliás, era também a opinião de mestre Cândido, homem dado à boa paz.

E um dia surgiu a novidade que fez sorrir seu irmão «Dadinho».

O «Vareira» anunciava ao mundo da rapaziada do «sul» a criação dos «bombeiros».

«Dadinho» riu-se a bandeiras despregadas. Podia lá ser os seus soldados abandoná-lo e passarem a andar às brincadeiras de esquerda volver, arche machadinhas à cinta, subir e descer escadas — autêntica brincadeira de meninos criados a leite e bolos?!

Mas podia ser mesmo. E foi!

A rapaziada entusiasmada com o novo brinquedo que lhe era oferecido, não quis saber mais de «guerras» e do «Dadinho» e vai a oficina de Mestre Cândido que lhes cortava bocados de folha em forma de cabeça de machado quer depois espetavam em paus e prendiam aos cintos, todos vaidosos.

Mestre Cândido, contra os ralhos da Tia Palmira, sua cara metade e quem tinha a obrigação de lhe apresentar o presigo na mesa, lá ia aturando a «canalhada», como dizia, com prejuízo da sua vida, pois enquanto aturava a «canalhada» nada fazia que lhe rendesse uns tostões, tão necessários à sua subsistência.

Sentia-se pago e satisfeito com as modificações que se iam operando naquelas cabeças pequenas, que de intuitos bélicos e guerreiros se transformavam em ordeiros e bem comportados e com uma amizade mais sã e mais forte por reunida num ideal mais elevado do que o da «guerra», semente de desentendimento e ódios entre a «canaçada».

«Vareira», como homem da ideia arvorou-se em comandante do novo exército — mas desta vez pacífico — sem quaisquer consultas, como seu irmão, mas como ele também não contestado.

Mas «Vareira», passado o período de exercícios e aprendizagem e com a malta «pronta», pôs o lugar à disposição de quem o desejasse. Por unanimidade, foi mantido no lugar.

E «Dadinho», destroçado que viu o seu exército, destroçado por uma coisa sem pés

nem cabeça como dizia, desiludido, abandonou os do «sul» passando a conviver com os do «norte», onde se impôs a todos, passando assim de novo a líder. Só quer agora a liderança que procurou naquelas paragens não tinha qualquer interesse, pois já não havia «guerras» nem outras brincadeiras onde imperasse a violência.

Mais tarde rumou para os Brasis, onde se lhe juntou seu irmão «Vareira» que lhe tinha acabado com as grandezas de líder guerreiro e modificado a rapaziada do seu «sul».

ARMINDO DUARTE

## A praia de Fão contemplada com a Bandeira Azul

Integrada no «Ano Europeu do Ambiente» foi criada a campanha da Bandeira Azul para premiar as praias e os portos mais limpos da C.E.E.

Entre 74 praias portuguesas, a de Fão foi uma das distinguidas. Não há dúvidas que estamos de parabéns mas a nossa luta é fazer de Fão a praia mais limpa de Portugal.

## Pagaram assinaturas

D. Eulália Gonçalves Carvalho, Póvoa de Varzim, 1000\$00; Professor Doutor José Morgado, Porto, 500\$00; Dr. José Vinha Novais, Fão, 500\$00; Eng.º Sérgio Mariz Ferreira, Fão, 500\$00; Dr. Mário Basto, Porto, 500\$00; Querubim Evangelista, Fão, 1000\$00; Manuel Dias Felgueiras, Barcelos, 500\$00; Abílio Graça do Vale, Fão, 500\$00; José Manuel Correia, Fão, 500\$00; Paulino Pinto de Campos, Porto, 500\$00; Prof.º D. Berta de Campos, Fão, 500\$00; D. M. Augusta Faria F. Neves, Esposende, 500\$00; Dr. José Bernardino Amândio, Esposende, 500\$00; António Didier, V. N. de Gaia, 1000\$00; Manuel José Ferreira, Fão, 1000\$00; Rui Esteves, Porto, 500\$00; Artur dos Santos Ferreira, Fão, 500\$00; Manuel de Sá Pereira, Lisboa, 500\$00; João Armando Gonçalves da Torre, Porto, 500\$00; João Emílio D. Sá Pereira, Fão, 500\$00; Fernando Albino Gonçalves Neves, Porto, 500\$00; José Paulo Ferreira, E.U.A., 1000\$00; Manuel Raimundo Ferreira, Brasil, 1000\$00; Manuel Pio Brito Lacerda, Porto, 500\$00; Augusto Vilaça Vale, Fão, 500\$00; D. Teresa Nobre, Porto, 500\$00; D. M. Hermínia de Jesus Silva, Porto, 500\$00; Domingos Reis Assunção, Fão, 500\$00; D. Catarina Assunção Costa Gonçalves, Póvoa de Varzim, 500\$00; D. M. Isabel Costa Gonçalves, Póvoa de Varzim, 500\$00; Edir Mariz da Venda, Fão, 500\$00; José Maria Casanova, Braga, 600\$00; Dr. Américo Ribeiro dos Santos, Braga, 500\$00; António Martins Soares, Guimarães, 500\$00; António Torres, França, 2.500\$00; Abel Torres, França, 1000\$00; Manuel Morais, Brasil, 1000\$00; D. Maria Adelaide Gonçalves, Amorim, 500\$00; José Rebelo Madureira, Porto, 500\$00; Óscar Carvalho, Barcelos, 1000\$00; Manuel Faria Graça, França, 1000\$00; D. Maria Leonor Araújo, Fão, 1000\$00; Valdemiro Belo Lopes Cardoso, Fão, 500\$00; Ana Maria Gonçalves Faria, Fão, 1000\$00; Amadeu Vassalo da Costa, Fão, 500\$00; D. Maria de Lurdes Fernandes Pereira, Fão, 500\$00; Rogério Sousa Morgado, Fão, 500\$00; Adelino Luís Ferreira, França, 1000\$00; Eng. Cândido Mendanha, Braga, 500\$00; Manuel Azeiteiros Gomes, França, 1000\$00; Rui Ferreira da Silva, França, 1000\$00; Dr. Alberto Malafaja Baptista, Porto, 500\$00; Domingos da Silva, França, 1000\$00; Chabert Christine, França, 1000\$00; Luís Eduardo M. N. Nunes, Porto, 500\$00; Prof. Elias Lopes Cardoso, Fão, 500\$00; Manuel Ramos Morgado, Fão, 500\$00; Orlando Ferreira Graça, França, 1000\$00; Carlos Artur Ferreira Graça, França, 1000\$00; Manuel Ferreira Graça, França, 1000\$00; José Freitas, França, 1000\$00; Edmund Rubano, E.U.A., 20 dólares; e Eng. Ruben António F. Agonia Pereira, Lisboa, 1000\$00.

## cartas AO DIRECTOR

Rio de Janeiro, 18 de Julho de 1987  
Presado sr. Armando;

Tem esta o objectivo de agradecer-lhe a publicação da poesia nos números 29 (pág. 3), 30 (pág. 2) e 31 (pág. 5), no «Novo Fangueiro». Foi realmente com grande satisfação que vi os despreziosos versinhos publicados. Cabe mencionar também o auxílio do primo Edson Campos dos Reis, quando de sua estada aí em Fão, no ano passado, em visita ao seu irmão Carlos Barra Reis.

Os versos foram escritos após a minha ida a Portugal em Julho e Agosto de 1985, hospedando-me na casa da minha saudosa prima Aida (falecida recentemente), na Rua Dr. Moreira Pinto.

Não será necessário relatar, aqui, a grande alegria que tive em realizar um sonho há muito acalentado — visitar o local onde nasci, na Rua das Pedreiras (lá fui com o primo e afilhado Octávio Sérgio). Uma velha casinha, baixa, em ruínas, terreno entendendo-se até ao rio, com pássaros a cuidar de seus filhotes, em algo que deveria ter sido um armário de madeira, na cozinha — eis tudo o que restou do lugar deixado em meados da década de 30, quando vim para o Brasil com minha mãe. Gosto imensamente de recordar aquela época já tão longínqua, e acredito que cada um de nós também tenha suas lembranças quadros indelévels das passagens mais marcantes da fase mais colorida da vida — a infância.

Sr. Armando, o Edson fala-me muito a seu respeito. Agradeço-lhe novamente e tenha-me na conta de mais alguém com quem pode contar neste «brasis».

O amigo

José

## NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Marquinhos  
Armindo Duarte  
Ângela Soeiro  
Quim Muata  
José Manuel F. Neves

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva  
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318  
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual ..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante.

# DA BANDA DE LÁ

## DADINHO E VAREIRA

Esposende acordara quando os primeiros raios de sol a banharam por completo, depois de percorrerem todo o vale que a antecede.

Varrido que foi de lés-a-lés todo o casario, foram deleitar-se em gracioso bailado sobre as águas do donairoso Cávado que, preguiçosamente, deslizava ao encontro desse grande Oceano, causa da sua existência.

A manhã apresentava-se cheia de sol e luz.

Toda a terra respirava e entoava Hossanas ao Criador!

O mulhierio dirigia-se apressadamente para a ponta do cais, onde iria lavar as fracas roupas dos seus homens e os trapos que cobriam os corpos nus dos seus filhos.

Mais abaixo os estaleiros, onde se iniciava mais um dia que, como de costume, seria de trabalho activo e constante. Na «carreira», o esqueleto do que iria ser um navio de três mastros.

Homens curvados sobre o dorso, onde o sol já batia com certa intensidade, encalavitados em grosso e enorme pau, apoiado em dois cruzados com a forma de tesoura, iam serrando a madeira para as cavernas do grande barco.

O cheiro a breu inundava todo o recinto dos estaleiros onde aquelas dezenas de homens iam, com o seu trabalho, procurando dar corpo aos navios que, sulcando os Oceanos, levariam bem longe o nome de Esposende.

Era, e é, Esposende, cortada no sentido nascente-poente e em toda a sua largura, devendo, na época em que foram abertas as ruas que assim a cortaram, ficar sensivelmente dividida ao meio, o que originava que se pertencesse ao «norte» ou ao «sul».

Na escola, a garotada, a que não era estranha aquela separação, protegia-se mutuamente.

Acabadas as aulas, sacola no chão, vai de começar o jogo de futebol «norte/sul», em plena ribeira.

Já nenhum dos rapazes estava sossegado na aula quando nos intervalos, e tal qual toque de corneta, corria de boca em boca e em surdina a frase: «hoje há guerra!»...

Chegados à ribeira, normalmente o campo da batalha, formavam-se as distâncias entre os dois exércitos, situando-se nas primeiras filas os atiradores, que eram os mais fortes, mais destros e de melhor pontaria. Os mais fracos e os mais pequenos situavam-se à retaguarda daqueles, tendo no entanto também tarefas impostas tais como, serem lestos no apanhar das pedras — de modo a alimentar continuamente os atiradores — e no acudir aos feridos.

Iniciada a «guerra», só era interrompida quando o número de cabeças rachadas era já elevado — o que levava à desistência de um dos exércitos através de fuga maciça com o

vam mais vitórias, o que trazia os do «sul» na mão de baixo.

Até que surge o «Dadinho», rapaz do «sul» que, embora em idade escolar, perdia mais o seu tempo no rio e mar, por oriundo de pescadores.

«Dadinho», demasiado desenvolvido para a sua idade, logo se arvorou em líder dos do «sul» sem quaisquer consultas, mas com o apoio de todos porque nenhum dos rapazes ousava contrariá-lo, ou disputar-lhe o lugar.

Por intermédio de «Dadinho» se interromperam as tréguas.

«Dadinho», possante, rápido e certo no atirar das pedras, fazia misérias entre os do «norte», levando bastantes vitórias para o «sul». Era o delírio e «Dadinho» andava nas bocas da rapaziada, todos o invejando por não disporem da sua força, rapidez e pontaria.



inimigo atrás a apedrejá-lo —, ou quando algum dos grandes (homens) até ali impávido assistente e interessado no desfecho, resolvia intervir. acontecia por vezes serem as mulheres as causadoras da interrupção.

Daquele modo se estabeleciam as tréguas que, normalmente, duravam algum tempo.

Entretanto ia-se ruminando na vingança e acertando novas estratégias.

Acontecia que os do «norte» mais numerosos e considerados mais fortes — ali se situava a maioria da classe piscatória que, embora de pior passado, era mais desenvolvida e atrevida por afeita já aos ramos no rio e na «pancada» do mar —, feitas as contas soma-

Assim «Dadinho» se foi tornando no líder incontestado das hostes sulistas, não admitindo veleidades a quem quer que fosse.

Com o decorrer do tempo, «Dadinho» ia-se manifestando mau, prepotente e inamistoso, pelo que começou a ser tão odiado, quanto admirado e estimado de princípio fôra.

Mas o líder sulista sabia como dominar as suas tropas quando se apercebia de possíveis insurreições, nunca lhe passando pela cabeça de que lhe poderia surgir adversário perigoso, nem tal admitia.

Mas havia, e disposto a acabar com aquela tirania.

(Continua na página 9)

## AGRADECIMENTO

O Director de «O Novo Fangueiro» agradece muito penhoradamente a todas as pessoas que, por carta, telefone ou pessoalmente lhe manifestaram a sua solidariedade por ocasião do acidente sofrido em 27 de Julho passado.

A sua permanência no Hospital impossibilitou, por outro lado, a saída do jornal no mês de Agosto último, pelo que se apresentam desculpas aos caros leitores e assinantes.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»  
FÃO